A CRÔNICA EM SALA DE AULA: TRABALHANDO COM UM GÊNERO menormENORMEnormenor...[1]

Maria Cristina Cardoso Ribas (UERJ)
maricrisribas@uol.com.br
Milena Salles Marques Domás (UERJ)
Ketiley da Silva Pessanha (UERJ)[2]

INTRODUÇÃO

Crônica
Era uma vez
o mundo.

(Oswald de Andrade)

Ao lermos o poema-comprimido de Oswald, podemos encontrar um "dístico conceitual". Para além da via etimológica, sem, no entanto descartá-la, a concisão do modernista antropofágico formula uma inteligente explicação. De maneira condensada, encontramos apenas dois pequenos versos, cuja banalidade encanta pela precisão e pela habilidade do poeta que se permite explicar sem enquadrar, que ao mesmo tempo formula e desliza da grade conceitual. Assim Oswald junta, sob o título *crônica*, a condição híbrida desse gênero textual, considerado por tanto tempo e grande parte da crítica, como gênero menor. E justamente o hibridismo e o teor corriqueiro formulam a sua condição de fertilidade. Qual seria, então, o valor da crônica na lente oswaldiana?

---

[1] Poema de José Paulo Paes em homenagem a Manuel Bandeira um poeta menormENORMEnor...

PAES, José Paulo. *Calendário Perplexo*. São Paulo: Ficções, 1983. A homenagem aludida está citada na Tese de Doutorado de Maria Cristina Ribas: "*O que eu vejo é o beco* – o entrelugar na poética de Manuel Bandeira." (UFRJ, 1997)

[2] Milena Domas e Ketiley Pessanha são bolsistas de Iniciação à Docência, Letras, Faculdade de Formação de Professores da UERJ, no projeto "Práticas de ensino em literatura e jornal: quem quer integrar este caso", orientado pela Prof.ª Dra. Maria Cristina Ribas. (E-mail: maricrisribas@uol.com.br)

Basta *ler* o poema. Ler em sua condição polissêmica e em sua simplicidade.

Tomemos o primeiro verso: "Era uma vez; *once upon a time*; *il était une fois* – a fórmula resgata o enunciado que inaugura as fábulas, as narrativas, o texto ficcional; trata-se de um fragmento que chama os ouvintes para a história que daqui a pouco vai começar; e dá um (pseudo)referencial de tempo e espaço, mas que basta para o leitor. "Era uma vez" não precisa de século, ano, hora – e uma nova cronologia é fundada pelo olhar do cronista e parece satisfazer aos leitores, lhes garantir a suficiência. Leitores que aqui são também ouvintes e que, por conta da coloquialidade da crônica, do tom de "conversa", do chamado envolvente que ecoa a fala ao pé do ouvido ou evoca no imaginário os contos de fada representa, ao mesmo tempo, um encontro das subjetividades (im)precisas –autor e leitor. Vale lembrar que entre estas duas *personae* o diálogo normalmente é difícil, a relação distante o suficiente para até mesmo impedir a leitura. Mas na crônica a proximidade, a vizinhança, a intimidade autor-leitor vão sendo produzidas no percurso da leitura.

Do segundo verso: Aqui o leitor esbarra ou encontra a solidez de "o mundo". Representa o referencial, a matriz, a palpabilidade – e por que não?– a objetividade; isto se "o mundo" for lido em sua materialidade, por contraste à fluidez ou a liquidez dos contos de fadas, dos "causos" sugeridos em "era uma vez" do primeiro verso.

Assim, no pequeno jogo do poema, Oswald arquiteta uma ampla construção: da crônica como fusão do "era uma vez" com "o mundo", enfim, formula poeticamente a proposta de entendê-la como gênero misto em que dialogam *ficção, confissão e fato*; e já que falamos em hibridismo, podemos fundir tais palavras no esforço de entender de novo a crônica: uma provável *conficcção*.

Continuando a leitura do pequeno dístico, versos livres, sem rima, mas tão sonoros que persistem em ecoar na nossa memória, percebemos outra possibilidade: a do jogo, da brincadeira. Sem interrupção ou pausa, a leitura direta do poema traz uma farpa oswaldiana: "Era uma vez o mundo" – ou seja, já era, acabou, finito. E esta representa outro ponto de vista sobre a matéria tematizada, um novo foco – oblíquo – do cronista sobre o circundante.

1. Da pesquisa: a crônica, gênero híbrido, texto anfíbio...

O presente trabalho vincula-se ao projeto– *Práticas de Ensino em Literatura e Jornal: quem quer integrar este caso?*, pesquisa de Iniciação à Docência, orientada pela Prof.ª Dra. Maria Cristina Ribas. Em artigos recentes discutimos a questão do jornal enquanto possibilidade – acessível e produtiva– para o aprimoramento da leitura crítica. Inserindo-o no conjunto das novas tecnologias e pensando na sua contribuição enriquecedora para o universo de interesses do aluno, apresentamos posteriormente uma nova proposta de trabalho com jornais *online*.

Na presente etapa da nossa pesquisa, o objetivo é manter o viés dos temas relacionados ao jornal, ao ensino e à leitura ativa. Assim, conscientes da dificuldade em estabelecer precisões conceituais do gênero, voltamo-nos para a crônica como um gênero híbrido, um texto anfíbio, em sua vida dupla, produto do diálogo entre literatura e jornal, ficção, confissão e mundo. E nosso estudo tem proposta pedagógica, ou seja, sempre estamos pensando em como o trabalho com a crônica pode contribuir para o ensino da leitura e produção, enfim, para o desenvolvimento da escrita conjugada à reflexão crítica dos alunos, desde as séries do Fundamental.

Pretendemos também mostrar o trajeto percorrido por este gênero textual na historiografia literária brasileira e, conforme mencionamos, apresentar algumas sugestões para um trabalho específico com crônicas no contexto escolar.

Para atendermos aos objetivos de nosso trabalho, recorremos às reflexões de A. Candido (1993), Jorge de Sá (1987), Arriguci Jr. (1987) e à palavra poética de Oswald de Andrade e Carlos Drummond (1999).

2. Crônica: considerações em torno da etimologia e trajetória

Como todos sabem, etimologicamente a palavra *crônica* está ligada ao termo *chronos*, palavra grega que designava o tempo linearmente concebido. Pela via etimológica a crônica, em sua primeira acepção assume a função de registrar os fatos do cotidiano, acontecimentos capazes de representar ou até mesmo datar determinada re-

alidade social. Esse papel de registrar os fatos alcança o seu ápice nas crônicas medievais em que a organização dos acontecimentos era realizada através de sua sequência temporal; Walter Benjamin (1994, p. 209), autor que analisa a crônica como "forma épica" lembra-nos que os cronistas medievais, representantes clássicos do gênero e os "historiadores" da época podem ser considerados os precursores da historiografia moderna.

O mesmo autor esclarece: "O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido na história." (1994, p. 223). É possível perceber na afirmação benjaminiana a relevância do dito irrelevante, do detalhe, do pequeno, para a afirmação da memória social. Tal citação nos faz perceber que, embora a concepção atual de crônica tenha sofrido muitas modificações com relação à crônica medieval – como, por exemplo, o fato de ser literatura, arte e não simplesmente uma transcrição histórica -, uma característica conservou-se intacta: a preocupação dos cronistas em fazer com os que os acontecimentos mantenham-se vivos através do registro. Na crônica, os fatos não se perdem, sejam recentes ou não, continuam sempre atuais como fonte de reflexão. É um resgate da história, do que não deve ser esquecido, é a visibilização do invisível.

No Brasil, a crônica precisou percorrer um longo caminho para que alcançasse reconhecimento enquanto gênero literário. Ela teria "nascido" – preferimos dizer, se tornado visível– a partir do momento em que o jornal torna-se cotidiano, acessível (CANDIDO, 1993), com o triunfo da imprensa no século XIX, momento em que ainda vigorava o Romantismo; nesse período, a crônica e o romance de folhetim foram responsáveis para o jornal tornar-se cultura de massa no Brasil, com ênfase no Rio de Janeiro. A difusão do jornal, aliás, representou um dos momentos mais importantes do percurso da crônica, pois permitiu a abertura de espaço para textos curtos, o que inclui o já citado folhetim e o ensaio, os quais constituíram o gênero aqui discutido como heterogêneo.

> Na crônica brasileira, pode-se cogitar que ocorre uma espécie de fusão de dois tipos de textos: o ensaio, do qual retoma certo desprezo pelo rigor acadêmico, levando a um tratamento mais informal dos assuntos abordados, e o folhetim de onde absorve a dimensão ficcional dos even-

> tos e temas descritos por esta forma literária. Essa mescla ratifica a identidade da crônica brasileira como espaço heterogêneo. (FREITAS, 2004).

Retomando A. Candido (1993), a crônica que conhecemos hoje, antes de ser "crônica propriamente dita", foi folhetim, um artigo localizado no rodapé das páginas sobre questões do dia a dia. Com o tempo, o chamado folhetim diminuiu, ganhou um "tom ligeiro", até que fossem formadas as atuais configurações do gênero crônica. É possível ainda trazer algumas considerações de Jorge de Sá (1987, p. 5, 6) sobre o histórico da crônica. O autor identifica Pero Vaz de Caminha como nosso primeiro cronista porque, em sua carta, "recria com 'engenho e arte' tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes", ou seja, cumpre com o "princípio básico da crônica: registrar o circunstancial". Jorge de Sá (1987) chega a dizer que, por esse motivo, a literatura brasileira teria nascido da crônica, desse gênero tão ao gosto da cultura brasileira.

Outro fator de destaque é o esforço empenhado por escritores como Alencar, Machado, Bilac, João do Rio – o Paulo Barreto – e Drummond para promover o citado gênero à arte literária. Esses autores escreveram crônicas, na busca de unir ao registro jornalístico dos fatos uma dimensão poética. (FREITAS, 2004).

Já no século XX, após ganhar dimensão autoral, a crônica alcançou o status de gênero capaz de permanecer no tempo, conjugando sincronia e diacronia. Como afirma Drummond (1999)[3], "Crônicas escritas há mais de cem anos (...) estão hoje vivas como naquele tempo. Os acontecimentos perderam a atualidade, mas a crônica não perdeu (...).".

Nesse mesmo século, encontramos outra etapa essencial para a trajetória do gênero em nosso país: o Modernismo, que ao primar pela linguagem coloquial, influenciou a escrita de crônicas; além disso, ocorre um alargamento ainda maior da produção jornalística, somada à publicação de revistas literárias. A modernização da imprensa no século XX modifica o sentido da crônica de forma que esta passa a ser "o próprio fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade ao consumo imediato e às inquietações de um desejo sem-

[3] Uma prosa (inédita) com Carlos Drummond de Andrade. Caros Amigos.

pre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna." (ARRIGUCI JR., 1987, p. 59).

A partir da segunda metade do século XX, a configuração da crônica muda não apenas no aspecto da produção, mas também no da recepção. Nesse momento, autores como Rubem Braga e Paulo Mendes Campos passam a escrever exclusivamente crônicas, os textos do gênero começam a ser publicados em livros com maior regularidade e os leitores a apresentar uma atitude diferenciada diante da crônica. Nesse contexto, a crônica não precisa dividir espaço com as notícias do jornal, seu meio de divulgação é ampliado com o aumento de publicações recorrentes.

> (...) a mudança de suporte provoca um novo direcionamento: o público do jornal é mais apressado e mais envolvido com as várias matérias focalizadas pelo periódico; o público do livro é mais seletivo, mais reflexivo até pela possibilidade de escolher (...) o autor de sua preferência. (JORGE DE SÁ, 1987, p. 85).

Ao longo do caminho percorrido – e construído – pela crônica, a intenção de informar (caráter jornalístico) foi substituída pela intenção de divertir (função de entretenimento), na busca de "penetrar poesia adentro" (CANDIDO, 1993, p. 24 e 25). Dessa forma, a união entre a miudeza do cotidiano, um toque de humor e poesia representa o amadurecimento da crônica à posição que hoje ela ocupa no olhar dos críticos e leitores não especializados. Outro ponto a ser observado com relação à crônica atual são as questões de suporte e veículo; a crônica do século XXI ultrapassa o espaço dos jornais, das revistas e dos livros e ganha cada vez mais lugar no contexto da *internet* através de colunas *online* ou *blogs* de autores como Luís Fernando Veríssimo e Arnaldo Jabor – que também produzem outros gêneros textuais.

3. A crônica e suas marcas (im)precisas

Poderíamos pensar a crônica como um texto curto, em prosa, texto que, a partir de um fato cotidiano, desenvolve reflexões do cronista com humor, poesia, ironia e crítica; contudo, conscientes da impossibilidade de apontar elementos como imanentes a determinado gênero textual híbrido – mescla literário/jornalístico -, apresentaremos, aqui, algumas tendências, observadas na nossa leitura de crô-

nicas, leitura essa voltada para o ensino. Em primeiro lugar, é importante enfatizar o caráter híbrido com que podemos identificar esse gênero textual; como comentamos anteriormente, a crônica é uma mescla de jornalismo e literatura, ou seja, é produto do discurso jornalístico e consequentemente do midiático e, ao mesmo tempo, inclui-se entre os gêneros literários: "oscila, pois, entre a reportagem e a Literatura, entre o relato impessoal, frio e desconhecido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia." (MOISÉS, 1982, p. 247). Ressalvamos aqui que "oscila", no nosso entendimento, não remonta à hesitação, não tem caráter pejorativo de qualquer espécie; ao contrário, é justamente seu fator de enriquecimento. Aqui entendemos o "pendular" como opção pela duplicidade – daí a insistência no hibridismo como qualidade e a correspondente imagem, por nós aqui assumida, da crônica como texto anfíbio.

Esse hibridismo também se estende ao caráter da crônica de *registrar subjetivamente o circunstancial*, em que, mais uma vez, encontramos a união de literatura e jornal: de um lado o *registro*, que identificado no discurso literário, transcende o presente e eterniza-se, do outro, o *circunstancial*, fugaz, fruto do "aqui e agora", o qual o jornal encarrega-se da missão de inscrever. Dizemos, pois, que tal caráter ratifica o hibridismo do gênero, porque *registro* e *circunstancial* são aspectos provenientes de categorias opostas, aparentemente inconciliáveis e que, na crônica, encontram-se aliadas.

As relações entre crônica e jornal apresentam-se como um dos traços fundamentais do gênero estudado. Drummond (1999, p. 13) esclarece que nessa relação, a crônica coloca-se "perto do dia a dia, seja nos temas ligados à vida cotidiana, seja na linguagem despojada e coloquial do jornalismo". O autor também aponta outras marcas da inserção da crônica no contexto jornalístico:

> [A crônica] surge inesperadamente como um instante de pausa para o leitor fatigado com a frieza da objetividade jornalística. De extensão limitada, essa pausa se caracteriza exatamente por ir contra as tendências fundamentais do meio em que aparece (...). Se a notícia deve ser sempre objetiva e impessoal, a crônica é subjetiva e pessoal. Se a linguagem jornalística deve ser precisa e enxuta, a crônica é impressionista e lírica. (DRUMMOND, 1999, p. 13).

Essa vinculação da crônica ao jornal leva-nos, ainda, a pensar em outras questões relacionadas ao gênero. Segundo Jorge de Sá

(1987, p. 7 e 8), a crônica relata um fato a um público específico, nesse caso, o público ao qual o jornal se destina. Ele afirma que a vinculação ao jornal e ao seu público significa *limitação de ideologia*, a qual deverá concordar com a do veículo e de seus consumidores, e ainda *limitação de espaço*, visto que a crônica divide a página com outras matérias, o que obriga o redator a "explorar da maneira mais econômica possível o pequeno espaço de que dispõe". Porém, para o autor, esses fatores não fazem com que a inserção da crônica no discurso jornalístico seja algo negativo, pois "é dessa economia que surge sua riqueza estrutural".

A. Candido (1993, p. 24) também nos apresenta pontos positivos que nascem desse vínculo. De acordo com o autor, por ser "filha do jornal e da era da máquina", a crônica não tem pretensões a durar; uma de suas marcas é a *efemeridade* que a auxilia a "transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um de nós". A crônica herda não só o caráter efêmero, mas também a *precariedade* e a *transitoriedade* do jornal, o que não a impede de ser "insinuante e reveladora"; ela atua no contexto jornalístico, mas não possibilita que a essência da palavra se "dissolva de todo ou depressa demais [nesse] contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força de seus valores próprios" e é aí que o seu caráter jornalístico une-se ao literário.

Uma singularidade está no fato de a crônica ser tida como um "gênero menor". Conforme afirma A. Candido (1993, p. 23), ela "(...) não é um 'gênero maior'. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas (...)". Como vimos, a crônica assume a *efemeridade* do jornal; esse pode ser um dos motivos para que a considerem como um "gênero menor", pois de acordo com o já esclarecido, ela não tem a pretensão de se eternizar, de "permanecer na lembrança e na admiração da posteridade", de forma que os críticos não lhe atribuem o status literário do romance e dos demais gêneros consagrados.

Além disso, de acordo com Jorge de Sá (1987, p. 9), a crônica pode transmitir a aparência de *superficialidade* ao desenvolver o tema por ela tratado. Entendida como um descanso em meio às notícias do jornal, a crônica deixa "de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa fiada, (...) como se (...) pusesse de lado qualquer seriedade nos problemas (...)" (CANDIDO,

1993, p. 26). Na verdade, a crônica leva à reflexão e à crítica social, mas ao fazê-lo através de uma linguagem simples, leve, aparentemente superficial, pode parecer indigna do título de "gênero maior".

Ao divinizar o gênero, A. Candido (1993) nos mostra o que subjaz à *simplicidade* e à *efemeridade* da crônica. Em sua afirmação, entendemos que ser um "gênero menor" não é algo negativo:

> (...) parece mesmo que a crônica é um gênero menor. "Graças a Deus", – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. (CANDIDO, 1993, p. 23).

O autor explica que através da sua *simplicidade*, a crônica ajusta-se à sensibilidade diária; é despretensiosa, mas trabalha com a *humanização*, de forma a aprofundar o significado dos temas e aproximar-se mais do leitor. Destaca-se também, como fator favorável à crônica enquanto "gênero menor", a "quebra do monumental": a crônica faz parte do dia a dia e nela não há espaço para rebuscamento, ela parte do momento e retira dele o que há de mais profundo; mais uma vez, o beneficiado é o leitor que pode ter contato e intimidade com um texto leve, próximo "ao que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo". (CANDIDO, 1993, p. 24 e 25)

Falando ainda sobre as tendências que podem ser observadas na leitura de crônicas, ressaltamos o *humor*, o qual é quase sempre utilizado na configuração desse gênero textual (CANDIDO, 1993, p. 26). Através do humor, do "ar de quem está falando coisas sem maior consequência" a crônica é capaz de "não apenas entrar fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas (...) levar longe à crítica social." Jorge de Sá (1987, p. 23) afirma que a busca pelo pitoresco permite ao cronista captar o lado engraçado das coisas, de forma que o riso torna-se o meio para reflexões mais profundas. O humor é, pois, um recurso que "assume a função de recuperar a poesia, confirmando que a crônica e seu contexto jornalístico são uma realização literária sempre".

A segunda tendência que nos dispomos a comentar é o *dialogismo* presente nas crônicas. De acordo com Jorge de Sá (1987, p. 11), a partir do coloquialismo com o qual se constrói o gênero, cria-se um diálogo entre o cronista e o leitor, de maneira a equilibrar o

caráter informal e o literário e possibilitar diferentes interpretações acerca do tema tratado em uma crônica.

O terceiro e último traço é a *atualidade*. Apesar de escrita para o jornal, que nas palavras de Drummond (1999) é tão vivo num dia e um sepulcro no dia seguinte, a crônica possui a capacidade de manter-se atual, pois em meio à objetividade do discurso jornalístico, consegue manter algo de subjetivo. Conforme observa o mesmo autor, embora possua certa fugacidade, a crônica não é assim tão passageira, ela permanece através da sua subjetividade e de seu interesse em levar à reflexão sobre os fatos.

> Crônicas escritas há mais de cem anos (...) estão hoje vivas como naquele tempo. Os acontecimentos perderam a atualidade, mas a crônica não perdeu, porque ela traduz uma visão tão sutil, tão maliciosa, tão viva da realidade, que o acontecimento fica valendo pela interpretação (...). (DRUMMOND, 1999, p. 13).

Assim, a partir da análise das principais marcas apresentadas pela crônica, já é possível encontrar um caminho para a proposta de utilizar esse gênero textual como estímulo à leitura, afinal, com seu poder de humanizar, com sua graça e beleza a crônica está perto do leitor, criando vínculos e permitindo-lhe aprofundar-se nos temas por ela abordados.

4. A crônica e suas tendências: algumas contribuições do gênero ao ensino

Depois de observarmos alguns pontos da trajetória percorrida pela crônica, bem como um resumo dos traços do gênero, podemos passar para a discussão principal proposta nesse trabalho: a crônica enquanto estímulo à leitura e suas contribuições ao ensino de língua portuguesa.

É consenso que, para o professor de língua portuguesa e literatura, fazer com que a leitura desperte o interesse dos alunos, disputando com os meios de comunicação, é um desafio. Todavia, como já visto em trabalhos anteriores, não se trata de meramente competir com a mídia, mas de aproveitar o que dela há de melhor para o ensino. É nesse contexto que a crônica está inserida, pois ao mesclar literatura e jornal, pertence a esse universo midiático, cabendo-nos des-

cobrir de que maneira pode ser trabalhada como incentivo à leitura ativa e promoção à crítica social.

Alguns dos elementos ligados à crônica, anteriormente discutidos, poderão nos ajudar a compreender essa função do gênero na sua relação com o ensino. A primeira marca a ser destacada é a capacidade da crônica de aproximar-se do leitor; como vimos, a crônica quebra o *monumental* e a *ênfase*, de forma a trazer ao leitor leveza, simplicidade. A. Candido esclarece que a "magnitude do assunto e a pompa da linguagem podem atuar como disfarce da realidade e mesmo da verdade" (1993, p. 24), cuja consequência é impedir uma leitura mais profunda sobre o tema abordado; a crônica não apresenta esse problema, pois seus assuntos são trabalhados a partir de uma linguagem simples, mas capaz de ajudar a "estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas". Dessa forma, a crônica contribui no sentido de levar o aluno a um contato mais direto com a verdade.

> É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social (CANDIDO, 1993, p. 26).

Não queremos dizer com isso, que os demais gêneros textuais sejam incapazes de produzir reflexão, ou que devam ser desprezados, apenas propomos mostrar as vantagens de um trabalho específico com a crônica, o qual poderá unir o jornal e a literatura, parceria estudada em nosso projeto.

Outra tendência apontada por A. Candido (1993, p. 25) é a *humanização*, a qual pode ser identificada na *quebra do monumental* e no *coloquialismo* presente nas crônicas. É possível perceber na crônica, traços da oralidade em meio à escrita, de maneira que os alunos poderão descobrir no lugar de um rebuscamento excessivo, um "tom menor de coisa familiar". Assim, entendemos que a crônica contribui não só pela aproximação entre texto e leitor, mas também para a construção de um trabalho com a oralidade em equilíbrio com a escrita, orientação explícita nos PCNLP[4].

[4] *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*. MEC.

Referindo-se ainda a essa aproximação entre a crônica e seus leitores, enfatizamos o *dialogismo* mencionado por Jorge de Sá (1987, p. 11) esse diálogo entre cronista e leitor se dá a partir de um coloquialismo, na verdade, ocorre um equilíbrio entre o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível da crônica se mantenha como "elemento provocador" de outras visões do tema tratado no texto, ou seja, a crônica permite a construção de diferentes sentidos na leitura dos alunos (ORLANDI, 2000). Há ainda nessa relação o que o Jorge de Sá (1987) chama de *lirismo reflexivo*: a crônica revela pensamentos profundos a partir de um fato, sem abandonar a magia da literatura.

Também por estar perto do dia a dia, a crônica pode auxiliar até mesmo na construção da identidade do aluno, uma vez que conhecerá e refletirá sobre fatos do seu cotidiano. "Daí a importância do instante, porque é o *flash* do momento presente que nos projeta em diferentes direções, todas elas basicamente voltadas para a elaboração da nossa identidade." (SÁ, 1987, p. 15).

Outro fator é o também já comentado *humor*, recurso quase sempre utilizado pelos cronistas para dar ao texto mais leveza, um tom de simplicidade e para enfim, divertir. De acordo com A. Candido, muitas vezes, os professores procuram "incutir nos alunos uma ideia falsa de seriedade" (1993, p. 27), como se os assuntos sérios só pudessem ser tratados de forma grave, como se leveza fosse algo superficial, ou seja, não se leva em conta o princípio da crônica de produzir reflexão através de um "ar de conversa fiada". Entendemos que a crônica é capaz de ensinar e de, através da diversão, "inspirar, atrair e fazer amadurecer a visão das coisas." O próprio Candido reconhece o quão significativa é a leitura de crônicas com os alunos:

> Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando nas leituras de meu tempo de secundário. Fico comparando e vendo a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante. (CANDIDO, 1993, p. 25).

O trabalho com a crônica, portanto, tanto no contexto do jornal como no do livro é capaz de cumprir um dos principais objetivos do ensino: produzir leitura crítica, madura, consciente – e numa atmosfera prazerosa, leve.

Além das contribuições descritas, podemos apontar ainda outra que, de maneira geral, efetiva-se a partir desse tipo de proposta pedagógica: os gêneros textuais. Organizar atividades que envolvam crônicas significa inserir mais um gênero textual ao currículo, gênero este que se diferencia dos "gêneros maiores", geralmente os únicos explorados; tal atitude cumpre, mais uma vez com a orientação dos PCN:

> Um leitor competente só pode construir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. [...] Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes. (PCN, 1998, p. 94-95).

Santos e Souza (2007), em seu artigo *A crônica literária na sala de aula: um incentivo à leitura*, explica que no ensino tradicional são apresentados aos alunos fragmentos de obras incapazes de motivá-los a refletir a respeito do que leem, são textos descontextualizados, que vistos apenas dentro de aspectos gramaticais, não contribuem de maneira satisfatória para o desenvolvimento crítico e intelectual dos alunos. Em outras palavras, ressalvamos aqui o dado de que trabalhar com textos literários e, no caso, o gênero crônica representa um risco na medida em que pode ser reduzido a mero instrumento de tópicos de gramática ou sintaxe.

Trata-se, portanto, de uma questão de ordem metodológica que não pode ser descartada. Reduzir literatura a ferramenta é atrelá-la única e exclusivamente a um didatismo eventual. A crônica é um gênero riquíssimo que trata de temáticas atuais, envolve personagens comuns, traz à tona o anônimo e promove, pela coloquialidade da linguagem e teor projetivo e atual do seu foco, a identificação quase imediata do leitor com o texto. Quantos benefícios podem ser trazidos para o desenvolvimento da observação, a crítica, do acervo cultural do leitor e aluno?!

Ademais, um trabalho com a crônica pode ser um caminho para o estímulo à produção textual, ensinar os alunos o que é uma crônica, quais são os traços desse gênero textual e instigá-los à leitura do mesmo é apenas o primeiro passo para levá-los a escrever sobre os fatos de seu cotidiano e a refletir sobre eles.

5. Algumas sugestões para o trabalho com a crônica

Diante do observado com relação ao trabalho insatisfatório com crônicas nos livros didáticos, apresentamos a seguir algumas sugestões de atividades com o gênero nos contextos do Ensino Fundamental e Médio. Tais atividades podem partir da leitura de crônicas em jornais ou revistas e não necessariamente, das apresentadas pelos manuais didáticos.

A primeira sugestão é o foco da crônica em uma faceta épica, através da qual o professor poderia propor aos alunos uma produção textual em que criariam, com base em um fato cotidiano, uma crônica com características de narrativa ficcional. Outra atividade semelhante, que permitiria inclusive, uma interdisciplinaridade com História, é a exposição de uma crônica medieval, a qual se diferencia das crônicas atuais, por narrar os fatos em sua sequência temporal, sendo considerada precursora da historiografia moderna. (BENJAMIN, 1994, p. 209).

Leituras coletivas e interpretativas seriam mais uma opção para um trabalho específico com crônicas; nesse tipo de atividade o professor daria aos estudantes liberdade para escolher os cronistas de sua preferência, com a finalidade de realizar uma leitura que unisse o prazer do contato com um texto simples, muitas vezes engraçado, sem deixar de lado a reflexão e a crítica social. Ademais, a partir da escolha de crônicas por parte dos alunos e da possível produção de textos do gênero, o professor poderia criar com o grupo discente, blogs, nos quais as crônicas seriam expostas. Tal proposta despertaria o interesse dos alunos, pois veriam a valorização da sua criatividade e função social em suas produções.

Outra proposta é a realização de encenações baseadas na leitura de crônicas. Nessa atividade, os próprios alunos criariam o texto para a representação teatral, transformando a crônica em texto dramático, os diálogos da encenação poderiam ainda ser a simples reprodução de diálogos presentes em muitas crônicas. Cabe aqui ressaltar a experiência vivida pelas alunas Amanda Monteiro, Sabrina

Souza e Ana Carla Gonçalves[5] no Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literatura I, ministrado na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, no primeiro semestre de 2009 e realizado na Escola Estadual Tarcísio Bueno, em São Gonçalo; a experiência foi compartilhada com os demais alunos da disciplina, em uma mesa-redonda organizada pelo evento FFP para todos (2009). Na execução do estágio, as graduandas priorizaram a crônica como gênero textual, propondo como atividade aos estudantes do Ensino Fundamental, justamente a encenação de crônicas a ser apresentada no auditório da escola; de acordo com o relato das estagiárias, a atividade foi muito bem aceita pelos alunos, os quais foram estimulados não apenas à leitura de crônicas, mas também à expressão de sua criatividade.

As sugestões até aqui expostas, se aplicadas no contexto do Ensino Fundamental, poderiam abrir espaço mais amplo para outros textos literários em sala de aula. Como a Literatura só é trabalhada enquanto disciplina no Ensino Médio, o que percebemos na prática é a exclusão de textos literários, os quais são trabalhados apenas como meio para o ensino gramatical. Sendo a crônica um texto curto, de fácil entendimento, provocador de diferentes visões sobre o dia a dia, apresenta-se como um ótimo recurso para o trabalho da literatura por si só, nessa etapa do ensino.

Tratando diretamente da Literatura enquanto disciplina, propomos acrescentar à lista de autores estudados, os cronistas. A maioria dos livros didáticos só apresenta os poemas, contos e romances de autores como Machado, Alencar e Bilac, de maneira que os alunos desconhecem a produção de crônicas dos nossos clássicos. Nomes como Rubem Braga e Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto), exclusivamente cronistas, não são nem mesmo mencionados. Outra vantagem da crônica na disciplina relaciona-se à leitura dos principais autores; e como não há tempo disponível para que os alunos tenham contato com todos os romances, por exemplo, através da leitura de crônicas, os estudantes conheceriam um pouco sobre a escrita de autores que acabam deixados de lado pela referida indisponibilidade de tempo durante o ano letivo e pelo habitual (pré)conceito da crônica como gênero menor.

[5] As alunas citadas autorizaram a publicação de seus nomes.

6. Considerações finais

A partir do exposto, é possível concluir que a crônica é um gênero peculiar, que humaniza e dialoga com o leitor através de coloquialismo, leveza e subjetividade. Justamente por esses traços específicos que a aproximam do nosso cotidiano, entendemos que um trabalho com a crônica em sala de aula pode contribuir de maneira significativa para o ensino de língua portuguesa e literatura, funcionando como um ótimo recurso para o estímulo à leitura e à reflexão.

Sabemos que os PCN voltados para a disciplina língua portuguesa apresentam a crônica como gênero textual privilegiado; contudo, na prática, a crônica é muitas vezes deixada de lado, substituída quase sempre pelo romance ou pelo poema, considerados "gêneros maiores". Diante das dificuldades encontradas pelos professores para despertar nos alunos o interesse pela leitura, encontrar um gênero textual com características capazes de incentivar e promover estratégias adequadas ao alcance desse objetivo, não é algo que possa ser desprezado.

Nossa intenção nesse trabalho foi apontar para algumas possibilidades de um trabalho mais específico com a crônica, de forma a reverter positivamente para o aprendizado da língua portuguesa e da literatura. Cabe a todos nós descobrir a grandeza desse gênero menor na busca de outros caminhos para o desenvolvimento da leitura e produção. Para que cada aluno possa escrever a sua história... nesse mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Uma prosa (inédita) com Carlos Drummond de Andrade. *Caros Amigos.* São Paulo, nº 29, p. 12-15, agosto, 1999.

ARRIGUCI JR., David. *Enigma e comentário*: Ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

BENJAMIM, Walter. O narrador. *In*: ___. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Sobre o conceito de história. *In*: ___. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO. Antonio. A vida ao rés do chão. *In*: CANDIDO, Antonio. *Recortes*: São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

FREITAS, Paulo Eduardo de. *A crônica*: sua trajetória; suas marcas. Disponível em: <http://bibliotecadigital.unec.edu.br>. 2004.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária – Prosa*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

ORLANDI, Eni. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2001.

PAES, José Paulo. *Calendário perplexo*. São Paulo: Ficções, 1983.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

RIBAS, Maria Cristina. Literatura e jornal: quem quer integrar este caso? *Graphos*: Revista da pós-graduação em Letras – UFPB. Vol. 6 – Nº 2/1, jul.-dez. 2004.

SANTOS, I. A.; SOUZA, J. S. *A crônica literária na sala de aula*: um incentivo à leitura. *In*: ZAIDAN, Junia; LINS, Penha; SALGUEIRO, Wilbert. (Org.). *Línguas, ficções*: fronteiras em rasura. 5ª ed. Vitória: DLL, 2008.